

**O passado e o futuro que nos habitam.**

**Memória, cultura e política em produções intelectuais e artísticas  
indo-afro-latino-americanas.**

Durante seu exílio no México, Augusto Roa Bastos organizou o livro intitulado *Las culturas condenadas* (1978) onde reúne mitos, poemas, relatos e textos rituais de diversos povos guarani, precedidos por estudos de León Cadogán, Bartomeu Meliá, Pierre Clastres, entre outros. O livro, reeditado em 2011 no Paraguai, amplia as ressonâncias dos modos de compreender o mundo, das poéticas e concepções éticas de guaranis sobreviventes em diversas regiões, a partir de seus relatos, traduzidos ao espanhol. Nas palavras de Roa Bastos, trata-se de “*grupos sobrevivientes pero irremediabilmente condenados*” (BASTOS, 2011, p. 21). Condenados por um processo secular de extermínio, que se disfarça de tentativa de incorporação à civilização, pautando-se esta em uma concepção de superioridade racial, segundo a qual as supostas raças superiores se advogam o direito de exercer o domínio e a opressão. Nas palavras de Roa Bastos:

Los intentos de "civilizar" al indio han terminado por exterminarlo. El etnocidio no es pues sino la fatal consecuencia de esta ideología del privilegio y la pretendida superioridad racial -herencia del conquistador invasor-; es solo una de las formas del genocidio generalizado en la actualidad, tanto en nuestro continente como en varias partes del mundo donde las “razas inferiores” padecen los desvelos de las “razas superiores” por civilizarlas; es decir, por someterlas a sus inflexibles y cruentos dictados de predominio y opresión. (BASTOS, 2011, p. 21)

Em que pese a violência a que se submetem os povos originários do continente americano, ou *Abya Yala*, sua força de sobrevivência e capacidade resiliente faz com que seus modos de vida, suas crenças, ritos, saberes, práticas permaneçam vivos:

Pese a que las culturas autóctonas se encuentran cada vez más acorraladas y acosadas en sus mismos fundamentos culturales, materiales y biológicos, perdura en ellas la radiación de sus núcleos insolubles y secretos, la unidad y originalidad de una cosmovisión identificada aún con sus costumbres y sus ritos, con sus modos de ser y de vivir. (BASTOS, 2011, p. 23)

A apreciação de Roa Bastos sobre a radiação dos núcleos indissolúveis das cosmovisões ameríndias ressoa nas palavras de Ailton Krenak, quadro décadas depois,

quando fala do livro de Davi Kopenawa, escrito em parceria com Bruce Albert: *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami* (2015). Segundo Krenak:

O livro tem a potência de mostrar para a gente, que está nessa espécie de fim dos mundos, como é possível que um conjunto de culturas e de povos ainda seja capaz de habitar uma cosmovisão, habitar um lugar neste planeta que compartilhamos de uma maneira tão especial, em que tudo ganha um sentido. As pessoas podem viver com o espírito da floresta, viver com a floresta, estar na floresta. (KRENAK, 2019, p. 13)

Os povos Yanomami que habitam em parte do Brasil e da Venezuela são mais um exemplo de que há modos de vida existentes no presente que se enfrentam ao modelo dominante da expansão capitalista, caracterizada pelo extrativismo e exploração.<sup>1</sup> Não se trata de um passado superado pelo desenvolvimento do progresso, mas de um presente que resiste ao modelo que chega, em 2022, a demonstrar sua completa exaustão, a inviabilidade de sua continuidade histórica, uma vez que se assiste ao esgotamento dos recursos naturais e ao colapso ambiental, com as diversas alterações climáticas e sucessivos crimes ambientais que afetam profundamente a biosfera. Como diz Krenak (2020, p.2): “Se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados da ruptura ou da extinção do sentido da nossa vida, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda.”

O X Congresso Internacional Roa Bastos recebeu o título de “Repertórios ancestrais, saberes e práticas contemporâneas”,<sup>2</sup> a partir do qual se propôs a ampliar espaços de visibilidade a diversas manifestações intelectuais e artísticas de culturas ameríndias e afrodescendentes em sua expressão contemporânea (poesia, performance, cinema, fotografia etc.), que se fazem como enfrentamento ao secular processo de banimento do amplo repertório de saberes e práticas incorporadas,<sup>3</sup> desencadeado pela

---

<sup>1</sup> É interessante a distinção apresentada por Donna Haraway (2016) entre os conceitos de Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno e Chthuluceno, que se refere, entre outras coisas, a diferenças de escala, relação taxa/velocidade, sincronicidade e complexidade dos efeitos planetários provocados por processos antrópicos. “O barateamento da natureza não pode continuar mais a sustentar a extração e a produção no e do mundo contemporâneo, porque a maioria das reservas da terra foram drenadas, queimadas, esgotadas, envenenadas, exterminadas e, de várias outras formas, exauridas.” (HARAWAY, 2016, p. 140)

<sup>2</sup> O evento foi realizado na modalidade remota, devido à pandemia de COVID-19, entre os dias 23 e 26 de Novembro de 2021. A programação completa pode ser vista no site do NELOOL (<https://nelool.ufsc.br/2021/11/17/programacao-x-congresso-internacional-roa-bastos-2/>) e todas as atividades gravadas podem ser acessadas no canal do NELOOL no youtube (<https://www.youtube.com/c/nelool>).

<sup>3</sup> Taylor estabelece uma distinção fundamental entre o *repertório*, constituído por práticas e conhecimentos incorporados (como língua falada, dança, esportes, ritual), e o *arquivo*, conformado por materiais supostamente duradouros (como textos, documentos, edifícios, ossos). A invasão do território ameríndio impõe uma desvalorização das práticas incorporadas e uma supervalorização da memória arquivada, Volume 23 Número 54

colonização. A trajetória de pessoas africanas trazidas para a América como escravas sofre o mesmo processo de tentativa de apagamento de seu repertório cultural e de reconfiguração de muitas de suas práticas incorporadas, de modo a fazê-las persistir no tempo. Contra as línguas condenadas, escreve-se e fala-se em línguas originárias, assim como se realizam traduções e edições para diversas línguas, ampliando os públicos leitores; contra a proibição de danças e ritos, produzem-se filmes documentários que os registram e exibem mundo afora, bem como se criam canções e videoclipes em diversos gêneros musicais (rap ou reggae, por exemplo), difundindo culturas e denunciando conflitos. A produção artística e intelectual indígena e afrodescendente contemporânea conquista territórios. Artistas se tornam ativistas, explicitando o embate político e social em suas poéticas. A intelectualidade indígena e afrodescendente provoca a pensar alternativas epistemológicas, outras formas de conhecimento que permitam discutir as amarras do modelo capitalista, colonialista e patriarcal de desenvolvimento.

Nesse sentido, Silvia Rivera Cusicanqui é uma voz importante na luta anticolonial, seja pelo conceito de *ch'ixi* que se propõe como força descolonizadora da mestiçagem, seja por sua reflexão sobre a temporalidade concebida como simultaneidade. Segundo esses princípios, o indígena não se funde ou hibridiza com o branco, o que termina por supor sua submissão ou adequação a seus imperativos, mas se justapõe e ele, mantendo sua força e buscando o equilíbrio com aquilo que quer incorporar nessa relação intercultural. O mundo indígena tampouco se apresenta como passado a ser superado, mas como ancestralidade a ser percebida e pensada no presente, com vistas ao futuro. Em suas palavras: “Comienza un tiempo en el cual tenemos que afirmarnos y quizás incluso tenemos que revertir el lamento y transformarlo en gesto de celebración de lo que somos, de lo que hemos llegado a ser y de los saberes que nos han ayudado a sobrevivir.” (RIVERA CUSICANQUI, 2018, p. 81)

Quais são os saberes silenciados pela história hegemônica e que o tempo presente urge em escutar, a fim de criar alternativas ao modelo catastrófico de progresso acirrado no século XX e cujas contradições supuram no caos que se instaura na abertura da segunda década do século XXI?

---

instituindo a escrita como modo primordial de transmissão e valoração de conhecimento. “A importância dada à escrita aconteceu às custas das práticas incorporadas como modos de conhecimento e de fazer reivindicações. Aqueles que controlavam a escrita – primeiro os frades e, em seguida, os letrados – ganharam poder excessivo.” (TAYLOR, 2013, p. 47) Esse processo resultou na deslegitimação de saberes e na “rejeição das tradições de *performance* indígenas como episteme”. (TAYLOR, 2013, p. 68)

Rivera Cusicanqui esboça uma “propuesta de reconstitución de la episteme india ancestral, para hacer de la memoria una herramienta metafórica capaz de romper con las ideas de progreso y desarrollo que alimentan los gobiernos progresistas, y para cruzar la frontera hacia un horizonte muy ajeno a las habituales lecturas lineales y positivas de la historia.” (RIVERA CUSICANQUI, 2018, p. 97)

De certa forma, o futuro estaria na memória, no sentido de que há que se perguntar que outras histórias se podem construir, percebendo que a legitimação dos discursos se vincula a posições de poder. Como demonstra Djamila Ribeiro, a classificação racial da população acarreta uma hierarquização dos saberes e a legitimação de um pensamento dominante como válido;<sup>4</sup> isto quer dizer que as histórias contadas, desde uma perspectiva de poder ou de submissão, serão diversas e é por isso que, no contexto brasileiro, por exemplo, Ribeiro reivindica que “a história sobre a escravidão no Brasil seja contada por nossas perspectivas também e não somente pela perspectiva de quem venceu”, o que “aponta para a importância de quebra de um sistema vigente que invisibiliza essas narrativas.” (RIBEIRO, 2017, p. 47). Assim como essa perspectiva da história, Ribeiro destaca, a partir de Linda Alcoff, “a necessidade de se pensar outros saberes”: o saber das mulheres de terreiro, das Ialorixás e Babalorixás, das mulheres do movimento por luta por creches, lideranças comunitárias, irmandades negras, movimentos sociais, outra cosmogonia a partir de referências provenientes de religiões de matriz africanas, outras geografias de razão e saberes.” (RIBEIRO, 2017, p. 17)

O X Congresso Internacional Roa Bastos se propôs como lugar de escuta da produção artística e intelectual afro-ameríndia contemporânea, destacando os saberes ancestrais e as práticas, ou transformações necessárias, para um presente pandêmico e um futuro cuja esperança é preciso reconstituir. O que nos dizem as práticas incorporadas, as línguas silenciadas, as danças e os ritos banidos, as poéticas da voz, a expressão do corpo numa partilha coletiva do sensível, sobre a construção de vínculos comunitários, sobre as noções de comum e comunidade; sobre as relações com a terra e as definições de território, sobre os conceitos de fronteiras e confins; sobre a diáspora, a interculturalidade crítica e o plurilinguismo; sobre as perspectivas críticas ao antropoceno e ao capitaloceno?

Nesse sentido, ouvimos a fala do poeta mapuche Elicura Chihuailaf e da poeta e ativista Márcia Kambeba, que aparecem em entrevistas neste dossiê da Revista Línguas

---

<sup>4</sup> Com base em Lélia González, Ribeiro afirma que “o racismo se constituiu ‘como a ‘ciência’ da superioridade eurocristã (branca e patriarcal)’.” (RIBEIRO, 2017, p. 16)

& Letras (PPGL-UNIOESTE-Cascavel) que nos acolhe para dar continuidade ao tema lançado no X Congresso Internacional Roa Bastos: Repertórios ancestrais, saberes e práticas contemporâneas.

Elicura destaca a importância de pensar os direitos da natureza, sem os quais não há como se pensar os direitos de seres humanos ou de animais. A totalidade da vida deve ser pensada e o poeta nos traz a noção de *itrofilmogen*, a biodiversidade, “a totalidade sem exclusão, a integridade sem fragmentação da vida de todos os viventes”. Elicura reflete sobre poesia, política e cultura e afirma a interconexão entre presente, passado e futuro: “somos o presente porque temos memória do passado”, e tanto o passado como o futuro nos habitam. Contra a “desmemória das culturas ocidentais”, a entrevista com Elicura é um convite à escuta da sabedoria de um povo ancestral.

Kambeba aponta que sua literatura tem a missão de decolonizar e convidar ao pensamento crítico sobre a presença indígena nas cidades e sua resistência nas aldeias; a escritora destaca que manter as cosmovisões originárias no presente é importante para fortalecer sua continuidade história e promover o respeito entre as sociedades indígenas e não indígenas, base para consolidar pontes de interligação entre mundos e saberes.

Completando a seção de entrevistas, neste dossiê, temos a entrevista realizada por Patrícia Cuevas Estivil e Lourdes Kaminski com a pesquisadora da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Chile e do *Centro de Estudios Interculturales Indígenas*, Paula Miranda, que apresenta o trabalho que resulta no livro *Violeta Parra en el Wallmapu: Su encuentro con el canto mapuche* (2017), onde analisa os diálogos de Parra com a cultura mapuche. A pesquisadora identifica gravações de entrevistas que Parra realizou a cantores e cantoras mapuches e percorre, em parceria com outras investigadoras, os caminhos trilhados pela poeta por território *Wallmapu* para realizá-las. Miranda destaca o quanto a poesia mapuche afetou a produção criativa de Violeta Parra, principalmente a partir de 1957, liberando-a dos gêneros estruturados conforme modelos de origem hispânica, além de ampliar sua poética na arte têxtil, inspirada no tecido mapuche.

No evento, contamos com importantes espaços de reflexão e criação intelectual e artística. Além de palestras e mesas redondas, destacam-se: lançamentos de livro, como o organizado por Clovis A. Brighenti e Egon D. Heck, intitulado *O movimento indígena no Brasil: da tutela ao protagonismo (1974-1988)* (Foz de Iguaçu-PR: EDUNILA, 2021); a exibição de filmes produzidos no âmbito do projeto de extensão “Valorizando o audiovisual indígena na UFSC”, além da conversa com o diretor da Cia. de Dança Afro

Daniel Amaro (Pelotas-RS) e da apresentação do espetáculo de dança solo de Daniel Amaro, “A Reminiscência dos Tambores do Corpo”.

A mesa redonda “Estéticas afro-ameríndias, resistência cultural e ativismo político” contou com a participação de Helena Silvestre, escritora afroindígena nascida na periferia da região metropolitana de São Paulo, indicada ao prêmio Jabuti com seu livro *Notas sofre a fome* (Sarau do Binho, 2019), militante das lutas pela libertação de povos e territórios, sobretudo junto aos Sem Teto, coeditora da revista Amazonas no Brasil, e educadora popular na Escola Feminista Abya Yala, em São Paulo. Na mesma mesa, esteve o coordenador do Centro de Estudos Africanos (FAL/UFMG), Marcos Antônio Alexandre, que colabora neste dossiê com o artigo “As poéticas pretas como espaços de resistência, cultura e ativismo político” que reúne poetas e intelectuais latino-americanas, mulheres negras, amefricanas, cujas poéticas se articulam pelo viés da resistência e do ativismo político; Marcos Alexandre traz os conceitos de *escrevivência* (C. Evaristo) e de *tempo espiralar* (L. M. Martins) para pensar como essas poéticas amplificam em vozes as experiências vividas e narradas, como tornam presentes a ancestralidade e as memórias rasuradas pelas versões hegemônicas da história.

Em diálogo com estes trabalhos, Izabela Fernandes de Souza apresenta o artigo “Rompendo Silêncios: Escrever Performático Negro e Seus Mediares de Resistência”, onde enfoca as práticas de resistência de mulheres negras como contribuição epistêmica, crítica e metodológica de resistência periférica, luta e empoderamento coletivo. A autora analisa a performance *Rompendo Silêncios* (2017), um projeto intercultural desenvolvido na Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA), através do qual as corporeidades negras impulsionam seu repertório ancestral, seus diálogos e trânsitos pelos silenciamentos históricos, como formas de resistência individual e coletiva que colocam em cheque as perspectivas reducionistas e racistas. Fernandes de Souza demonstra como se inscreve a voz feminina negra a partir do gesto de *escrever*, como procedimento e estratégia discursiva de transgressão e de ressignificação histórica, em um contexto de colonização no qual a diferença cultural é reduzida e anulada.

Dando continuidade aos estudos dedicados ao padroeiro do evento, realizou-se no congresso a mesa intitulada “Leituras contemporâneas de *Las culturas condenadas*, de Augusto Roa Bastos”. Entre os trabalhos propostos, contamos neste dossiê com os artigos de Damaris Pereira Santana Lima e de Valdir Olivro Júnior. Em “*Un Pensamiento Otro* em Augusto Roa Bastos e *Culturas Condenadas*”, Santana Lima analisa o livro *Las culturas condenadas*, organizado por Roa Bastos, publicado em 1978 e reeditado em

2011. Trata-se de uma compilação de artigos de diversos pesquisadores sobre a situação dos povos indígenas que habitam o Paraguai, bem como a tradução de textos míticos e rituais, poemas e relatos de povos Mbya, Ache, Nivakle e Maka; Damaris analisa o gesto decolonial de Roa Bastos ao buscar um pensamento fronteiriço, a partir do conceito de Walter Mignolo.

O artigo de Olivo Júnior, “Augusto Roa Bastos: sobrevivências” tem como ponto de partida a análise do conto “*Lucha hasta el alba*”, considerado a partir da “poética das variações” com a qual opera para criar um universo de referências móveis e dinâmicas, em um prática sistemática de reescrita de mitos guaranis como procedimento fundamental. A trajetória de análise leva a identificar uma das marcas significativas da cultura Mbyá guaraní no relato, a saber, o valor e a força que adquire a palavra-alma para os guarani e o sentido ambivalente de *ayvu*, um dos conceitos fundamentais dessa cultura. Olivo Júnior refere-se a outros contos de Roa Bastos, com o propósito de interpretar as marcas dos saberes ameríndios nestes universos narrativos, e coloca em evidência os rastros do “texto ausente”, o da oralidade guarani, bem como trata a tensão que se produz na narrativa roabastiana entre os saberes e práticas ancestrais da cultura Mbyá guarani e os saberes da cultura ocidental cristã.

No desdobramento a que nos propomos neste dossiê, temos as contribuições da pesquisadora Carla Dameane Pereira de Souza, com o artigo “Imagens que narram: memória, testemunho e ativismo intelectual em *Nuevo coronavirus y buen gobierno. Memorias de la pandemia de Covid-19 en Perú* (2021), de Edilberto Jiménez Quispe”, que apresenta o vínculo existente entre memória, testemunho e ativismo, tomando como ponto de partida a experiência intelectual e artística do referido jornalista, antropólogo e retabulista peruano, em seu recente livro. O artigo nos fala das experiências da memória coletiva narradas nesses testemunhos literários e visuais, em um cenário social vulnerável e em crise. A autora do artigo observa como estão presentes traços performáticos tanto nos textos escritos quanto nos visuais, identificando em *Nuevo coronavirus y buen gobierno* um narrador performer que relata sobre si mesmo, a partir de sua experiência pessoal, os terríveis acontecimentos que teve que enfrentar em relação à Covid-19. Através deste traço subjetivo, o narrador destes testemunhos se introduz em sua própria narrativa como testemunha dos acontecimentos difíceis durante a pandemia, a partir do contexto beligerante sofrido nas décadas de 1980 a 2000, durante o Conflito Armado Interno (CAI).

Em “Poética del cuerpo y poesía en escena en *Awás* (2014), creación colectiva de Rosa Chávez y Camilla Camerlengo”, Lilibeth Zambrano nos apresenta um projeto artístico intermídia, que se desenvolve a partir da combinatória de dois meios: o teatro e a poesia. O projeto coletivo emergente *Awás* (2014), de Rosa Chávez e Camilla Camerlengo, parte da produção poética de Chávez e resulta ser um dos trabalhos alternativos da coleção *Escénica/Poética*, que inicia em 2013 e privilegia um espaço de convergência significativo no qual entram em diálogo as artes cênicas e a poesia guatemalteca contemporânea. Este projeto é levado a cabo pelo Centro Cultural de Espanha na Guatemala, em colaboração com a editora independente Catafixia, que propõe o encontro interdisciplinar entre criadores de teatro contemporâneo e poetas guatemaltecos, apresentando a criação de peças cênicas que surgem de produções da poesia guatemalteca atual. Estamos diante de uma leitura diversa e particular dos poemas da escritora y artista maia-quiché-guatemalteca Rosa Chávez, que implica a corporeização da poesia através de sua encenação.

O artigo de Paulo Cesar Fachin e Acir Dias da Silva, intitulado “Autorretratos e paixões entre sofrimento e cores: a *mexicanidad* de uma mulher latino-americana, pintora e escritora, conhecida como Frida Khalo”, traz uma reflexão sobre a dimensão histórica e o contexto no qual se inscreve a produção artística de Frida Khalo, a partir da biografia escrita por Hayden Herrera (2011) e do *Diário íntimo* da artista, publicado em 1995. Interessa aos autores ver em que medida nesses textos o sujeito feminino (mexicano, latino-americano) aparece vinculado a autorretratos produzidos por Khalo, através do sofrimento e dos traços culturais mexicanos e indígenas, a processos simbólicos de resistência e a outros aspectos fundamentais da vida da pintora. Na primeira parte do artigo, os autores ressaltam a significação de três autorretratos de Khalo, nos quais a artista mostra imagens de si mesma e de sua família. Das obras analisadas, destaca-se a Casa azul como esse espaço sagrado no qual estão depositadas as memórias significativas de Kahlo.

Em “Juan Calzadilla. *La escritura interminable de una ciudad*”, José Gregorio Vásquez Castro apresenta o modo como a cidade é dita e, através dela, quem a diz se observa a si mesmo. Neste artigo, prevalece o tom poético no percurso por *La condición urbana* (2019), de Juan Calzadilla, texto no qual a cidade nos é apresentada sob uma nova e reveladora paisagem; para além da visão que o poeta tem da cidade, a análise refere-se ao modo como o este observa a passagem do tempo e esse andar a cegas pelas ruas de uma cidade que o habita. Estamos diante de uma cidade agitada, inclemente e lúcida que

fala da condição de transeunte de quem a vive desde seu cotidiano incerto. Vásquez Castro dá conta de uma poética da cidade muito peculiar, na qual o poeta se expressa a si mesma no paradoxo do dizer e do calar. Calzadilla é apresentado como crítico severo da cidade, em cuja poesia a voz poética vai se descobrindo nos espaços urbanos que sente, aviva e padece.

Agradecemos a todas as pessoas envolvidas na organização do X Congresso Internacional Roa Bastos e deste dossiê, bem como a todas e todos os participantes que contribuíram com suas comunicações orais, seus textos escritos, suas produções artísticas. O agradecimento se estende ao público em geral, espectadoras e leitores que fazem com que as trocas e diálogos se multipliquem.

Eleonora Frenkel Barretto (Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras  
(DLLE/UFSC)

Lilibeth Zambrano (Universidad de Los Andes, Venezuela)

*Organizadoras*

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, Roa. *Las culturas condenadas*. Assunção, Paraguai: Servilibro, 2011.
- HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes, *ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte*, Ano 3, n. 5, Abril de 2016, pp. 139-146.
- KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2017.
- RIVERO CUSICANQUI, Silvia. *Un mundo ch'ixi es posible. Ensayos desde un presente en crisis*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.
- TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório. Performance e memória cultural nas Américas*. Tradução de Eliana L. de L. Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.